



CMG (FN) **Cláudio** Lopes de Araújo **Leite**
claudio.leite@marinha.mil.br

A Força Expedicionária



O CMG (FN) Cláudio Leite é o atual Comandante do Centro de Avaliação da Ilha da Marambaia. É oriundo da Turma 1990 da Escola Naval. Possui o Curso de Estado Maior para Oficiais Superiores e realizou o Curso Especial de Oficial de Comunicações (C-Esp-OCOM) no CIASC, bem como o *Communications and Information Systems Officers Course*, em Quantico-EUA. Comandou o Batalhão de Comando e Controle em 2013 e foi Chefe do Estado-Maior do GptOpFuzNav-Haiti em seu IX Contingente, em 2008.

As Guerras dos Bôeres¹ foram dois conflitos ocorridos no sul da África, de dezembro de 1880 a março de 1881 e de outubro de 1899 a maio de 1902. Nasceram de uma rivalidade que colocou, em lados opostos, o desejo britânico de dominar a região e a aspiração de autonomia dos bôeres, colonos descendentes de holandeses, que haviam se organizado em duas pequenas repúblicas, *Transvaal* e *Orange*.

Nessas guerras, o Exército Britânico, acostumado a possuir sensíveis vantagens administrativas e tecnológicas em suas disputas coloniais, foi surpreendido e superado, em diversas batalhas, pelas tropas bôeres, uma milícia organizada por fazendeiros que contava, no entanto, com eficiente organização tática e modernos armamentos importados da Europa (PRETORIUS, 2011).

Após o término da Guerra dos Bôeres, o Governo Britânico criou diversas comissões para estudar as lições aprendidas no conflito sul-africano e propor reformas para o *British Army*. Uma delas, intitulada *Norfolk Commission*, destacou-se ao rever um importante conceito estratégico: ao propor que a defesa da pátria competisse prioritariamente à *Royal Navy*, possibilitou que seu Exército priorizasse a criação de uma Força permanentemente adestrada para operar longe das Ilhas Britânicas. Essa ideia concretizou-se com as reformas realizadas por Richard Haldane², ao criar a *British Expeditionary Force (BEF)*, que viria a ter importante papel na I Guerra Mundial (1914-18), quando contribuiu decisivamente para a vitória da Tríplice Entente na Batalha do Marne, detendo a ofensiva alemã do Plano *Schlieffen*³ (HALDANE, 1920).

¹Em inglês, prefere-se hoje a denominação Anglo-Boer War.

²Secretário de Estado da Guerra de 1905 a 1912.

³Plano militar aplicado pelo exército alemão no início da Primeira Guerra Mundial, em 1914. Inicialmente concebido por Alfred von Schlieffen, chefe do Estado-Maior alemão entre 1892 e 1906.

Deve-se ressaltar que, embora tenha sido a pioneira a receber o nome de “Expedicionária”, a BEF certamente não foi a primeira Força a levar os interesses de seu Estado a operações militares distantes de seu território.

Figura 1: A *British Expeditionary Force* desembarca na França – Le Havre, agosto de 1914



Fonte: *National Army Museum*⁴

Ainda na antiguidade, no século V a.C., ocorreram as expedições persas que tentaram derrotar as Cidades-Estado gregas de Atenas e Esparta, após atravessar a Ásia Menor, o Mar Egeu, a Trácia e a Macedônia, no que hoje chamamos de Guerras Greco-Pérsicas.

Trezentos anos depois, na Segunda Guerra Púnica, coube ao general cartaginês Aníbal Barca comandar uma extraordinária expedição militar, partindo de Cartagena, marchando milhares de quilômetros e cruzando os Alpes com seu exército até penetrar na Península Itálica, coração do Império Romano.

⁴Disponível em: <https://www.army.mod.uk/firstworldwarresources/archives/1101/the-british-expeditionary-force-landing-in-france-august-1914>. Autor: W B Wollen, 1914.

Figura 2: As guerras Greco-Pérsicas



Fonte: Wikimedia Commons⁵

Foi a I Guerra Mundial, contudo, que consagrou o emprego do termo expedicionário, pois diversos países organizaram forças com essa denominação, para combater na Europa e em outros teatros de operações.

Os EUA enviaram sua *American Expeditionary Force (AEF)*, sob o comando do General Pershing. A Austrália criou uma *Australian Naval and Military Expeditionary Force*, que teve como sua primeira missão destruir estações de rádio germânicas na Nova Guiné (MACKENZIE, 1941). Canadenses, egípcios, neozelandeses e indianos formaram forças expedicionárias para lutar em solo europeu. Russos e franceses (estes, para combater em Galípoli), ainda que envolvidos em combates em seus próprios territórios, apresentaram suas forças expedicionárias.

Neste ponto, é interessante abrir parênteses para abordar as diferentes acepções encontradas sobre a adoção do termo “expedicionário” e seus significados, em especial no contexto das operações militares.

A palavra latina *expeditus* representa a qualidade de ser leve, desembaraçado, na concepção de pouca bagagem (FARIA, 1962, p. 373-374). Como uma tropa leve, com logística reduzida, não se presta a operações prolongadas em território estrangeiro, compreende-se o entendimento apresentado no manual *Expeditionary Operations* do USMC, segundo o qual “o termo Expedicionário subentende uma duração temporária com intenção de retirar-se do território estrangeiro, após o cumprimento de sua missão específica”⁶ (ESTADOS UNIDOS, 1998, p. 35, tradução nossa). Devemos observar ainda que a denominação é bastante conveniente, sob a ótica política, por externar a ideia de ocupação temporária, sem objetivos no território estrangeiro além da missão específica recebida.

Em nosso idioma, a palavra *expeditus* é a origem etimológica de diferentes termos, dentre eles: *expedito*, que significa “aquele

que desempenha tarefas (...) com presteza, rapidez”; e expedição, que possui como uma de suas acepções registradas em dicionário (HOUAISS; VILLAR, 2001, p. 1287), a de “envio de tropas para determinado ponto”, ou seja, um significado relacionado ao deslocamento de uma tropa. É nesse sentido que aponta também uma das definições, no idioma inglês, do termo *Expeditionary*: “sent on military service abroad”⁷ (MERRIAM WEBSTER, 2017).

Posto que a leveza proporciona tanto rapidez quanto facilidade de deslocamento, enquanto limita, por certo, a duração de uma operação, podemos concluir que as definições acima são claramente interligadas e conduzem a um entendimento de que a qualidade de expedicionário significa ser leve, ligeiro e apto a deslocar-se para cumprir missões de caráter temporário, distantes de seu território.

Sendo assim, vemos que, embora a denominação “Expedicionária” tenha seu primeiro emprego em forças militares na I GM, a natureza da operação expedicionária, e por consequência das forças expedicionárias, remonta há muitos séculos e esteve presente nas operações militares, sempre que um Estado necessitou armar uma força para defender seus interesses em regiões afastadas de seu território, segundo as finalidades, meios e características peculiares das operações que, hoje, denominamos expedicionárias.

O que, então, diferencia uma Força Expedicionária?

O Ministério da Defesa Britânico apresenta as operações expedicionárias como “operações militares que podem ser iniciadas a curto prazo, executadas por forças autossustentáveis, preposicionadas ou capazes de serem rapidamente posicionadas, organizadas para alcançar um objetivo claramente definido em um país estrangeiro” (MoD (UK), 1999, tradução e grifo nossos).

Uma segunda abordagem pode ser encontrada no Manual *Expeditionary Operations*, do *United States Marine Corps*:

Resposta a crise requer todo o espectro das capacidades militares, inclusive a capacidade de entrada forçada: a introdução de forças militares frente a uma resistência armada e organizada. O interesse nacional requer uma Força Expedicionária, para resposta a crises, especificamente organizada, treinada, equipada e posicionada para projetar o poder militar no estrangeiro. Em decorrência da imprevisibilidade das crises possíveis, tal força de resposta deve ser organizada com uma vasto espectro de capacidades, ao invés de focar uma ameaça específica. Tal força deverá ser mantida em prontidão, pronta para posicionar rapidamente, por ar ou mar, e ser capaz de adaptar-se a um ampla variedade de ambientes operacionais, em curto prazo (ESTADOS UNIDOS, 1998, p. 31, tradução nossa).

As definições citadas acima deixam claro que uma Força Expedicionária necessita reunir determinadas características específicas que a tornem habilitada a alcançar, com sucesso, o propósito de sua missão.

A primeira a ser destacada é a prontidão.

Se o fim da Guerra Fria trouxe alívio ao trazer um mundo em que a possibilidade de uma hecatombe nuclear parece mais remota,

⁷Enviado ao exterior em função militar (tradução nossa).

⁵Disponível em: <https://commons.wikimedia.org/w/index.php?curid=25280827>. Autor: Juan José Moral – arquivo derivado de: Map Greco-Persian Wars.svg.

⁶“The term expeditionary implies a temporary duration with the intention to withdraw from foreign soil after the accomplishment of the specified mission”.

por outro lado vivemos um cenário de desordem crescente, causada por estados falidos, interferência externa de potências regionais, revoluções, crime transnacional, terrorismo, conflitos religiosos e desastres naturais, que desencadeiam crises de súbito e em lugares inesperados. Em resumo, se as ameaças do mundo contemporâneo reduziram-se em magnitude, sem dúvida ampliaram-se em quantidade, frequência e variedade (ESTADOS UNIDOS, 1998, p. 34).

Mesmo que ocorram em regiões distantes, tais crises podem receber grande importância, por ocorrer em países que possuam relevantes ligações comerciais conosco ou em locais com a presença de cidadãos brasileiros. Pode, ainda, haver a conveniência do Brasil intervir, com a finalidade de reafirmar o prestígio internacional de nosso país, nossos valores e política externa, bem como a capacidade de projeção de poder de nossas forças armadas. Por fim, quando ocorrerem crises no entorno estratégico brasileiro⁸, o envolvimento de nossas forças armadas pode vir a tornar-se obrigatório.

Para que uma força seja considerada apta a intervir adequadamente em uma dessas situações, é fundamental que ela esteja permanentemente preparada para embarcar, deslocar-se e atuar com eficiência.

A prontidão operativa envolve diversos aspectos: a prontidão pessoal, de uma tropa formada por indivíduos apropriadamente preparados; a prontidão coletiva, quando esses indivíduos estão aptos a trabalhar em conjunto e todas as capacidades necessárias a essa força estão apropriadamente atendidas, por meio de pessoal treinado e equipamento adequado, incluindo a de desembarcar à viva força, em litoral hostil. E ainda, a disponibilidade de meios de transporte, para que possa deslocar-se rapidamente, por meios navais ou, em alguns raros casos, por meios aéreos.

Outra relevante característica necessária a uma Força Expedicionária é a flexibilidade, ou seja, a capacidade de organizar grupos operativos de diferentes valores, segundo a missão (BRASIL, 2014). As diferentes situações a serem enfrentadas podem exigir forças de valor e composição muito distintas entre si. Operações de curta duração em um ambiente com reduzido grau de ameaça exigirão efetivos bem menores do que o emprego em um conflito duradouro, contra um inimigo estatal. Dependendo da situação, os fatores da decisão podem indicar o emprego desde um Elemento Anfíbio⁹ até algo do tamanho da Força Expedicionária Brasileira na II Guerra Mundial ou ainda a AEF, já citada neste artigo, que levou mais de um milhão de norte-americanos à Europa.

Essa flexibilidade também será importante ao ajustar a composição do grupamento operativo. Como uma Força Expedicionária exigirá espaços de embarcação para o transporte de si e de sua carga, será impositivo ajustar sua composição, visando empregar (por consequência, transportar e sustentar) somente os elementos absolutamente necessários ao cumprimento da missão, podendo e devendo, inclusive, ser planejada a execução de determinadas tarefas a partir de seu próprio território (planejamento, assessores e

analistas de inteligência, por exemplo). A austeridade não significa, contudo, que uma Força ser Expedicionária deva ser necessariamente reduzida ou levemente equipada. O essencial é que não seja maior ou mais pesada do que o necessário para cumprir a missão (ESTADOS UNIDOS, 1998, p. 44).

Deve-se observar ainda que as operações expedicionárias são, em sua maioria, realizadas em países com infraestrutura deficitária, em especial nos momentos de crises decorrentes de instabilidade política ou desastres naturais. Sendo assim, embora leve, uma Força Expedicionária deve carregar consigo recursos logísticos que a possibilitem sustentar-se por determinado período de tempo, duração essa que deverá ser de conhecimento prévio, a fim de ser considerada no planejamento da operação.

Destaca-se, assim, outra característica importante nas operações expedicionárias, que é a importância do suporte de uma força naval. As operações de uma Força Expedicionária devem ser apoiadas, sempre que possível, por meios navais, os quais, dispostos de conectores adequados para fazer a ligação mar-terra, permitirão o atendimento de suas necessidades logísticas. O apoio de uma força naval traz duas consequências para a organização de uma força que se pretenda ser expedicionária: não depender de meios que, em virtude de suas características físicas (tamanho, peso, pressão exercida sobre o solo), sejam inadequados ao embarque em navios; e dispor de conectores que, em adição aos proporcionados pela força naval, permitam seu desembarque no litoral de interesse, sem depender do controle de instalações portuárias.

Figura 3: Carros-Lagarta Anfíbios (CLAnf), conectores por excelência



Fonte: Francisco Veterano Alves

É claro que as possibilidades de apoio de uma força naval decrescem quando a operação necessita ser desenvolvida em regiões afastadas do litoral. No entanto, é indiscutível a proeminência das regiões litorâneas como locais de interesse e, por consequência, como as mais prováveis áreas de operação de nossas forças expedicionárias. Afinal, é nas regiões litorâneas que o comércio internacional marítimo é exportado e recebido para atendimento dos mercados, o que resulta, desde o início da civilização, na crescente relevância das cidades litorâneas como centro de comércio e, também, foco de conflitos.

A importância do apoio de forças navais ultrapassa as óbvias vantagens que se oferece em termos de transporte e apoio logístico. Uma característica das mais importantes, para uma Força Expedicionária, é sua capacidade de autoproteção. Afastada de seu território e em território incerto ou hostil, ela normalmente contará apenas consigo para eventuais ações de defesa. Forças executan-

⁸Segundo a Política Nacional de Defesa, compreende a América do Sul, o Atlântico Sul, os países litorâneos da África e a Antártica (BRASIL, 2012).

⁹Um CLAnf possui componentes com valor, no máximo, de Companhia de Fuzileiros, capacidade média de durar na ação por até cinco dias, sem reabastecimento, e efetivo aproximado de trezentos militares (BRASIL, 2013).

do tais missões poderão encontrar-se em um ambiente sem lei, dominado pela ameaça de violência (ESTADOS UNIDOS, 1998, p. 21). Nesse contexto, mais uma vez o apoio de forças navais pode proporcionar grandes vantagens para a Força Expedicionária, por possibilitar o posicionamento de parte de sua estrutura afastada das principais ameaças hostis e assegurar o apoio aos elementos desembarcados.

O apoio de uma força naval torna-se ainda fundamental por proporcionar a inserção da Força Expedicionária e sua retirada com facilidade, dadas sua mobilidade intrínseca e o conceito da liberdade de navegação em águas internacionais. Um Grupamento Operativo pode permanecer embarcado em navios de sua Marinha, pronto para entrar em ação, a uma distância que será mais distante ou mais próxima, conforme o interesse de seu país seja ampliar ou reduzir a pressão exercida. Da mesma forma, como uma operação expedicionária é por definição temporária, a retirada da força será em muito facilitada pelo apoio de uma força naval.

As operações expedicionárias possuem também uma forte relação de influência com a política, tanto em seus aspectos internos, como nas relações internacionais. Em uma operação expedicionária, questões políticas que possivelmente ultrapassarão o poder decisório de seu comandante existirão até mesmo em assuntos intrínsecos às suas próprias *forças armadas*, pois, como alerta Till (2004, p. 210), essas operações normalmente envolvem ações conjuntas prolongadas que exigem extensa coordenação entre forças navais, terrestres e aéreas.

É no campo da política internacional, no entanto, que as armadilhas mais complexas tendem a surgir. Isto ocorre porque as operações realizadas em outros países, ainda que sob razões humanitárias, estão longe de ter sua validade unanimemente reconhecida. Toda Força Expedicionária opera sob o olhar atento da comunidade internacional, fazendo com que mesmo uma ação isolada possa gerar severas consequências nos níveis político e estratégico. Ademais, as operações expedicionárias, por suas características intrínsecas, podem ser encerradas a qualquer momento pelo país que as empreende. Sendo assim, um episódio

isolado, consequência de uma ação incorreta de uma pequena fração, pode causar tão grande mal estar na opinião pública nacional e internacional, que venha a levar o poder político a decidir pelo encerramento da operação em si. (TILL, 2004, p. 212)

Logo, uma Força Expedicionária deve estar apta a lidar com as variáveis de sua operação que se imiscuem no campo político, por meio de uma capacitada seção de Assuntos Cívicos; um eficiente assessoramento de Comunicação Social e Operações Psicológicas; uma liderança efetiva; e, acima de tudo, preparando uma tropa na qual cada militar compreenda a intenção do comando, seu papel na operação e embarque para a missão imbuído dos valores corretos. O “Cabo Estratégico”, como definido pelo Gen. (USMC) Krulak (1999), é uma realidade presente nessas operações e possui importância vital para o cumprimento da missão.

Concluindo este artigo, voltamos às palavras do idealizador da *British Expeditionary Force*, Richard Haldane, que em seu livro *Before the War* visualizava a BEF como uma Força relativamente pequena, porém de alta qualidade, bem adestrada e bem equipada, apta a enfrentar tropas que, ainda que superiores em número, fossem menos coesas e pouco efetivas. Frisava ele que:

Isso, é claro, não significa que a pequena Força Expedicionária Britânica possa enfrentar o enorme e admiravelmente bem organizado Exército Alemão, mas deve-se ressaltar a importância crescente, em nossos tempos, do moral e da obtenção de um nível de preparo elevado, e do valor que mesmo uma pequena força, se preparada adequadamente, pode alcançar (HALDANE, 1920, p. 180-1).

A importância crescente, citada por *Haldane*, permanece hoje, bem como a crença no que uma força pronta, bem preparada e bem adestrada, pode realizar. Cabe ao soldado do século XXI, em especial àqueles ligados, por vocação e responsabilidade, às operações no mar, para que, no momento preciso, esteja em condições de afirmar: aqui estamos! Adsumus!

Referências

BRASIL. Ministério da Defesa. **Política Nacional de Defesa**. Brasília, 2012.

BRASIL. Marinha. Corpo de Fuzileiros Navais. Comando-Geral do Corpo de Fuzileiros Navais. **CGCFN-O-1: Manual de Fundamentos de Fuzileiros Navais**. Rio de Janeiro, 2013.

BRASIL. Marinha. Estado-Maior da Armada. **EMA-305: Doutrina Básica da Marinha**. Brasília, 2014.

ESTADOS UNIDOS. Marine Corps. **Expeditionary Operations**. Washington, D.C., 1998.

FARIA, Ernesto (Org.). **Dicionário Escolar Latim-Português**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1962. Disponível em: <<https://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me001612.pdf>>. Acesso em: 09 nov. 2016.

HALDANE, Viscount Richard. **Before the War**. New York: Funk & Wagnalls Company, 1920. Disponível em: <<https://archive.org/details/beforewar00hald>>. Acesso em: 07 jun. 2016.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

KRULAK, General Charles C. **The Strategic Corporal:**

Leadership in the Three Block War. Marines Corps Gazette. Disponível em https://www.au.af.mil/au/awc/awcgate/usmc/strategic_corporal. Acesso em 06 out. 2016.

MACKENZIE, S. S. **The Australians at Rabaul: the capture and administration of the German possessions in the South Pacific**. Sidney: Angus and Robertson Ltd., 1941. Disponível em: <https://www.awm.gov.au/collection/RCDIG1069937/>. Acesso em 03 out. 2016.

MERRIAM WEBSTER. **Merriam-Webster.com**. Disponível em: <<https://www.merriam-webster.com/dictionary/expeditionary>>. Acesso em 17 Abr. 2017.

PRETORIUS, Fransjohan. The Boer Wars, 29 mar. 2011. Disponível em: <http://www.bbc.co.uk/history/british/victorians/boer_wars_01.shtml#one>. Acesso em 09 nov. 2016.

REINO UNIDO. Ministry of Defence. **Joint Doctrine Publication 01**. Shrivenham, 1999.

TILL, Geoffrey. **Seapower: a guide for the twenty-first century**. London: Frank Cass Publishers, 2004.